

JOÃO PAULO I



AS VIRTUDES TEOLOGAIS



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO I
AS VIRTUDES TEOLOGAIS

Audiências (13 a 27 Set. 1978)

Textos obtidos a partir de
vatican.va

Viver a fé seguindo o Concílio

Quarta-feira, 13 de Setembro de 1978

A primeira saudação dirijo-a aos meus irmãos Bispos, que vejo serem numerosos.

O Papa João, numa sua nota, que também foi impressa, disse: "Desta vez fiz o retiro sobre as sete lâmpadas da santificação". Sete virtudes, queria dizer: fé, esperança, caridade, prudência, justiça, fortaleza e temperança. Esperemos que o Espírito Santo ajude hoje o pobre Papa a explicar ao menos uma destas lâmpadas, a primeira: a fé. Aqui em Roma houve um poeta, Trilussa, que procurou também falar da fé. Numa poesia disse: "Aquela velhinha cega, que encontrei / na tarde em que me perdi no meio do bosque, / disse-me: — se o caminho não o sabes / vou acompanhar-te eu, que o conheço. / Se tens a força de vir atrás de mim / de vez em quando te chamarei, até lá ao fundo, onde há um cipreste, / até lá acima, onde há uma cruz. Eu respondi: Assim será... mas acho esquisito / que me possa guiar quem não vê... / A cega, então, pegou-me na mão / e suspirou: — Caminha. — Era a fé". Como poesia, é graciosa. Como teologia, defeituosa. Defeituosa porque, ao tratar-se de fé, o grande condutor é Deus. Não disse Jesus?: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair". São Paulo não tinha a fé, perseguia mesmo os fiéis. Deus espera-o na estrada de Damasco: "Paulo — diz-lhe — não penses sequer em empinar-te, em dar patadas como cavalo desenfreado. Eu sou aquele Jesus que tu persegues. Tenho desígnios sobre ti. É necessário que tu mudes!". Rendeu-se Paulo; mudou transformando completamente a própria vida. Passados alguns anos, escreverá aos Filipenses: "Daquela vez, na estrada de Damasco, Deus apanhou-me; desde então não faço senão correr atrás d'Ele para ver se dalgum modo O poderei alcançar, imitando-O e amando-O cada vez mais". Eis o que é a fé: entregarmo-nos a Deus, mas transformando a própria vida. Isto nem sempre é fácil. Agostinho contou a viagem da sua fé; especialmente nas últimas semanas, foi terrível; lendo-o, vemos que a sua alma sentia calafrios e se retorcia em conflitos interiores. Dum lado, Deus que o chama e insiste; do outro, os antigos hábitos, " 'velhos amigos' — escreve ele —; puxavam-me amavelmente pelo meu vestido de carne e

diziam-me: 'Agostinho, que fazes? deixas-nos sozinhos? Olha que tu não poderás tornar a fazer isto, não poderás tornar a fazer aquilo, assim para sempre!' ". Difícil! Encontrava-me diz — no estado duma pessoa que está na cama, de manhã, Dizem-lhe: 'Fora, Agostinho, levanta-te!'. Eu replicava: 'Sim, mais tarde, mais um bocadinho na cama!'. Finalmente o Senhor deu-me um puxão e levantei-me. É preciso não dizermos *Sim, mas...; sim, mas mais tarde*. E preciso dizer: *Senhor, sim! Imediatamente*. Tal é a fé: responder com generosidade ao Senhor. Mas quem é que diz este sim? Quem é humilde e confia em Deus completamente! "

Minha mãe dizia-me, quando era já grandinho: Em pequeno foste muito doente; tive de te levar de médico em médico, e velar-te noites inteiras; acreditas? Como poderia eu dizer: — Mãezinha, não te acredito? Sim, acredito-te, acredito no que me dizes, mas acredito especialmente em ti. Assim é na fé. Não se trata unicamente de crer nas coisas que Deus revelou mas n'Ele, que merece a nossa fé, que tanto nos amou e tanto fez por amor de nós.

Difícil é também aceitar algumas verdades, porque as verdades da fé são de duas espécies: algumas agradáveis, outras desagradáveis ao nosso espírito. Por exemplo, é agradável ouvir dizer que Deus tem por nós tanta ternura, maior ainda que a duma mãe pelos seus filhos, como afirma Isaías. Como é agradável e nos parece natural! Houve um grande Bispo francês, Dupanloup, que aos reitores dos seminários costumava dizer: Com os futuros sacerdotes, sede pais, sede mães. É agradável.

Diante doutras verdades, pelo contrário, há dificuldades. Deus tem de castigar, precisamente se eu Lhe resisto. Ele corre atrás de mim, suplica-me que me converta e eu digo: Não. Quase sou eu que o obrigo a castigar-me. Isto não é agradável, mas é verdade de fé.

E há uma última dificuldade: a Igreja. São Paulo perguntou: — Quem és, Senhor? — Sou aquele Jesus que tu persegues. Uma luz, um relâmpago, atravessou a sua mente. Eu não persigo Jesus, nem sequer o conheço: quem persigo são os cristãos. Vê-se que Jesus e os cristãos, Jesus e a Igreja, são a mesma coisa: coisa inscindível, inseparável.

Lede São Paulo: "O corpo de Cristo que é a Igreja". Cristo e a Igreja são uma só coisa. Cristo é a Cabeça, nós, Igreja, somos os seus membros. Não é possível ter fé e dizer: eu creio em Jesus, aceito Jesus mas não aceito a Igreja. É preciso aceitar a Igreja, como ela é. E como é esta Igreja? O Papa João chamou-lhe "Mãe e Mestra". Também Mestra. São Paulo disse: "Considerem-nos todos como ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus".

Quando o pobre Papa, quando os Bispos e os Sacerdotes propõem a doutrina, não fazem senão ajudar Cristo. Não é doutrina nossa, é a de Cristo; devemos só conservá-la e propô-la. Eu estava presente quando o Papa João abriu o Concílio a 11 de Outubro de 1962. A certa altura disse: Esperamos que, devido ao Concílio, a Igreja dê um salto para diante. Todos o esperamos; mas salto para a frente, para qual estrada? Explicou-o logo a seguir: sobre as verdades certas e imutáveis. Não pensou sequer que fossem as verdades a caminhar, a andar para a frente, e depois pouco a pouco a ir mudando. As verdades são aquelas determinadas; nós devemos andar pela estrada dessas verdades — compreendendo-as embora cada vez mais, actualizando-nos, propondo-as de forma que se adapte aos novos tempos. O mesmo pensava também o Papa Paulo. A primeira coisa que fiz, apenas eleito Papa, foi entrar na Capela particular da Casa Pontifícia; lá, no fundo, o Papa Paulo VI mandou colocar dois mosaicos: São Pedro e São Paulo; São Pedro que morre e São Paulo que morre. Mas por baixo da imagem de São Pedro há as palavras de Jesus: Pedirei por ti, Pedro, para que não desfaleça a tua fé. E por baixo da de São Paulo, que morre à espada: Terminei a minha corrida, conservei a fé. Sabeis que, no último discurso, de 29 de Junho, Paulo VI disse: Depois de 15 anos de pontificado, posso agradecer ao Senhor: defendi, conservei a fé.

A Igreja é também mãe. Se é continuadora de Cristo e Cristo é bom, também a Igreja tem de ser boa; boa para todos. Mas se, por acaso, alguma vez houvesse na Igreja maus? Contemos ainda com ela, com a mãe. Se a mãezinha está doente, se a minha mãe por acaso viesse a ficar coxa, eu ainda a amaria bem mais. O mesmo, na Igreja: se há, e é verdade que há, defeitos e faltas, não há-de desaparecer nunca o nosso afecto para com a Igreja. Ontem — e acabo — mandaram-me o número de "Città Nuova": vi que apresentaram, reproduzindo-o, um brevíssimo discurso meu, com um

episódio. Certo pregador, Mac Nabb, inglês, falando no Hyde Park, ocupou-se da Igreja. Quando terminou, um ouvinte pede a palavra e diz: Belos conceitos, os seus. Mas eu conheço certo padre católico, que não esteve do lado dos pobres e se tornou rico. Conheço também maridos católicos que enganaram as próprias mulheres; não me agrada tal Igreja, feita de pecadores. O Padre respondeu: tem algum fundamento, mas deixa-me pôr uma objecção? — Oiçamos — E diz: Desculpe, mas engano-me ou o colarinho da sua camisa está um pouco sujo? — Diz: sim, é verdade. — Mas está sujo, porque não usou sabão, ou porque usou sabão mas não servia de nada? — Não, diz o outro, não usei sabão. — Aí está. Também a Igreja católica tem sabão, extraordinário: evangelho, sacramentos, oração. O evangelho lido e vivido, os sacramentos celebrados da maneira devida, a oração bem usada — seriam sabão maravilhoso, capaz de nos fazer a todos, santos. Não somos todos santos, porque não usámos suficientemente este sabão. Procuremos corresponder às esperanças dos Papas, que decretaram e applicaram o Concílio: o Papa João e o Papa Paulo. Procuremos melhorar a Igreja, tornando-nos melhores. Cada um de nós, toda a Igreja, poderia rezar a oração que eu costumo rezar: Senhor, aceita-me como sou, com os meus defeitos, com as minhas faltas, mas faz que me torne como tu desejas.

Devo dizer uma palavra também aos nossos *caros doentes*, que vejo ali. Sabeis que Jesus disse: Escondo-me por trás deles; o que é feito a eles, é feito a mim. Portanto, nas pessoas dos doentes, nós veneramos o Senhor em pessoa e fazemos votos por que o Senhor esteja perto deles, os auxilie e os conforte.

À direita estão, porém, os *jovens casais*. Receberam um grande sacramento; fazemos votos por que este sacramento recebido seja verdadeiramente portador não só de bens deste mundo, mas mais ainda de graças espirituais. No século passado, viveu em França Frederico Ozanam, grande professor; ensinava na Sorbona, era eloquente, óptima pessoa! Era seu amigo Lacordaire, que dizia: "É tão excelente, é tão bom, far-se-á sacerdote e este chegará a ser grande Bispo!". Não foi assim. Encontrou uma jovem cheia de qualidades e casaram-se. Lacordaire não ficou satisfeito e disse: "Pobre Ozanam! Também ele caiu na armadilha!". Dois anos mais tarde, Lacordaire veio a Roma e foi recebido por Pio IX. "Venha cá, Padre — disse-lhe — venha. Sempre ouvi dizer que Jesus instituiu sete

sacramentos; agora vem o Padre e troca-me as voltas: diz-me que instituiu seis sacramentos... e uma armadilha! Não, Padre, o matrimônio não é armadilha, é um grande sacramento!". Porque assim é, apresentemos de novo os nossos melhores votos a estes caros esposos: o Senhor os abençoe!

A virtude da esperança

Quarta-feira, 20 de Setembro de 1978

Entre as sete "lâmpadas da santificação", a segunda era, para o Papa João, a esperança. Falo-vos hoje desta virtude, que é obrigatória para cada cristão. Dante, no seu Paraíso (*Cantos* 24, 25 e 26), imaginou apresentar-se a um exame sobre o cristianismo. Funcionava uma comissão categorizada. "Tens fé?", pergunta-lhe, primeiro, São Pedro. "Tens esperança?", continua São Tiago. "Tens caridade?", termina São João. "Sim — responde Dante — tenho fé, tenho esperança, tenho caridade". Demonstra-o e fica aprovado por unanimidade.

Disse eu que é obrigatória. Mas não é, por isto, a esperança feia ou dura: pelo contrário, quem a vive viaja num clima de -confiança e de entrega, dizendo com o salmista: "Senhor, tu és a minha rocha, o meu escudo, a minha fortaleza, o meu refúgio, a minha lâmpada, o meu pastor, a minha salvação. Mesmo que um exército se formasse contra mim, o meu coração não temeria; e se contra mim se levantar a batalha, mesmo então terei confiança".

Direis: Mas não é exageradamente entusiasta este salmista? lá possível que a ele as coisas tenham sempre corrido tão bem? Não, não lhe correram sempre bem. Sabe e diz que os maus são muitas vezes afortunados e os bons oprimidos. Disto se lamentou até por vezes dirigindo-se ao Senhor; chegou a dizer: "Porque dormes, Senhor? Porque te calas? Desperta, ouve-me, Senhor". Mas a sua esperança manteve-se firme, inabalável. A ele, e a todos quantos esperam, se pode aplicar o que disse São Paulo de Abraão: *acreditou esperando contra toda a esperança* (Rom. 4, 18). Direis ainda: Mas como pode acontecer tal coisa? Acontece, porque nos apegamos a três verdades: Deus é onnipotente, Deus ama-me imenso e Deus é fiel às promessas. E é Ele, o Deus da misericórdia, que acende em mim a confiança; por isso não me sinto nem só, nem inútil, nem abandonado, mas integrado num destino de salvação, que um dia virá a levar-me ao Paraíso. Aludi aos Salmos. A mesma confiança segura vibra nos livros dos Santos. Gostaria que lêsseis uma homilia feita por Santo Agostinho no dia de

Páscoa sobre o *Aleluia*. O verdadeiro *Aleluia* — diz aproximadamente — cantá-lo-emos no Paraíso. Este será o *Aleluia* do amor pleno; o de agora, é o *Aleluia* do amor faminto, isto é, da esperança.

Dirá alguém: Mas se eu sou pobre pecador? Respondo-lhe como respondi a uma senhora desconhecida, que se confessava a mim já lá vão muitos anos. Estava desanimada porque — segundo afirmava — tinha tido uma vida moralmente borrascosa. Dá-me licença de lhe perguntar: quantos anos tem? — 35. — 35! Mas pode viver outros 40 ou 50, e fazer ainda um bem muito grande. Assim, arrependida como está, em vez de pensar no passado, projecte-se no futuro e renove, com a ajuda de Deus, a sua vida. Citei naquela ocasião São Francisco de Sales, que fala das "nossas caras imperfeições". Expliquei: Deus detesta as faltas, porque são faltas. Mas, por outro lado, em certo sentido, ama as faltas, enquanto Lhe dão ensejo de mostrar a sua misericórdia e a nós o de permanecermos humildes e compreendermos as faltas do próximo e delas nos compadecermos.

Nem todos partilham esta minha simpatia pela esperança. Nietzsche, por exemplo, chama-lhe "virtude dos fracos". Segundo ele, faz do cristão um inútil, um solitário, um resignado e um estranho ao progresso do mundo. Outros falam de "alienação", dizendo que afasta os cristãos da luta em favor da promoção humana. Todavia "a mensagem cristã — disse o Concílio não afasta os homens da construção do mundo... impõe-lhes, ao contrário, um dever mais rigoroso" (*Gaudium et Spes*, 34. Cfr. nn. 39 e 57; e *Mensagem ao Mundo dos Padres Conciliares*, de 20 de Outubro de 1962).

Têm surgido de vez em quando no decurso dos séculos afirmações e tendências de cristãos demasiado pessimistas quanto ao homem. Mas tais afirmações foram desaprovadas pela Igreja e esquecidas graças a uma falange de santos alegres e activos, graças ao humanismo cristão, aos mestres de ascética que Saint-Beuve chamou "les doux" e graças ainda a uma teologia compreensiva. São Tomás de Aquino, por exemplo, coloca entre as virtudes a *iucunditas* ou seja a capacidade de converter num sorriso alegre — na medida e no modo conveniente — as coisas ouvidas e vistas (Cf. 2.2ae, q. 168, a. 2). Jucundo deste modo — explicava aos meus alunos — foi aquele pedreiro irlandês, que se precipitou do andaime e quebrou as pernas. Levado ao hospital, vieram o médico e a Irmã enfermeira.

"Pobrezinho — disse esta última feriu-se muito caindo". Replicou o ferido: "Madre, não foi precisamente caindo, mas chegando ao chão é que me feri". Declarando ser virtude gracejar e fazer sorrir, São Tomás encontrava-se de acordo com a "alegre nova" pregada por Cristo, com a *hilaritas* recomendada por Santo Agostinho. Vencia o pessimismo, revestia de alegria a vida cristã, convidava-nos a tomar "animo também com os gozos são e puros que se nos deparam no caminho. Quando eu era rapaz, li alguma coisa sobre Andrew Carnegie, escocês, que imigrou com os pais para a América e chegou pouco a pouco a ser um dos maiores ricos do mundo. Não era católico, mas impressionou-me que falasse com insistência das alegrias genuínas e autênticas da sua vida. "Nasci na miséria — dizia —, mas não trocava as recordações da minha meninice com as dos filhos dos milionários. Que sabem eles das alegrias familiares, da terna figura da mãe que junta em si os cargos de encarregada de crianças, de lavadeira, de cozinheira, de mestra, de anjo e de santa?". Muito novo empregara-se numa fábrica de Pittsburg com 56 míseras libras mensais de salário. Uma tarde, em vez de lhe dar logo a paga, o tesoureiro disse-lhe que esperasse. Carnegie tremia: "Vão-me agora despedir". Pelo contrário, depois de pagar aos outros, o tesoureiro disse-lhe: "Andrew, tenho reparado atentamente no seu trabalho; concluí que vale mais que o dos outros. Subo-lhe o salário para 67 libras". Carnegie de corrida voltou a casa, onde a mãe chorou de contentamento devido à promoção do filho. "Falais de milionários — dizia Carnegie muitos anos depois —, todos os meus milhões colocados juntos não me deram nunca a alegria daquelas 11 libras de aumento". Certamente, estas alegrias, ainda que boas e animadoras, não têm o valor todo; são alguma coisa, não são tudo; servem de meio, não são o fim último; não duram sempre, mas só breve tempo. "Delas usem os cristãos — escrevia São Paulo —, mas como se delas não usassem, porque a aparência deste mundo passa" (Cfr. 1 Cor. 7, 31). Cristo já dissera: *Procurai primeiro que tudo o reino de Deus* (Mt. 6, 33).

Para terminar, desejava aludir a uma esperança, por alguns chamada cristã, mas que só é cristã até certo ponto. Explico-me: no Concílio também eu votei a "Mensagem ao Mundo" dos Padres Conciliares. Dizíamos nela: o cargo principal de *divinizar* não exime a Igreja do cargo de humanizar. Votei a *Gaudium et Spes*; comovi-me e entusiasmei-me quando saiu a *Populorum Progressio*. Julgo que o Magistério da Igreja nunca insistirá

demais em apresentar e recomendar a solução dos grandes problemas da liberdade, da justiça, da paz e do desenvolvimento; e os leigos católicos nunca se baterão suficientemente para resolver estes problemas. É, porém, erro afirmar que a libertação política, económica e social coincide com a salvação em Jesus Cristo, afirmar que o *Regnum Dei* se identifica com o *Regnum hominis*, que *Ubi Lenin ibi Ierusalem*. Em Friburgo, no 85º Katholikentag foi tratado, nestes últimos dias, o tema "o futuro da esperança". Falava-se do "mundo" que é preciso melhorar, e a palavra "futuro" vinha a propósito. Mas se da esperança para o "mundo" se passa à esperança para cada alma, então é necessário falar também de "eternidade". Em Ostia, à beira-mar, numa famosa conversa, Agostinho e Mónica, "esquecidos do passado e voltados para o futuro, perguntavam-se que viria a ser a vida eterna" (*Confissões IX*, n. 10.). Tal é a esperança cristã; a esta se referia o Papa João e a esta nos referimos nós, quando, com o catecismo, oramos: "Meu Deus, espero da vossa bondade... a vida eterna e as graças necessárias para a merecer com as boas obras, que eu devo e quero fazer. Meu Deus, não fique eu confundido eternamente".

A caridade

Quarta-feira, 27 de fevereiro de 2020

"Meu Deus, com todo o coração e acima de todas as coisas Vos amo, bem infinito e nossa eterna felicidade, e por vosso amor amo o meu próximo como a mim mesmo e perdôo as ofensas recebidas. Ó Senhor, ame-vos eu cada vez mais". É oração conhecidíssima, com expressões bíblicas embutidas. Foi minha mãe que me ensinou. Rezo-a várias vezes por dia, mesmo agora, e procuro explicar-vo-la, palavra por palavra, como faria um catequista de paróquia. Estamos na "terceira lâmpada de santificação" do Papa João: a caridade.

Amo. Na aula de filosofia dizia-me o professor: — Tu conheces a torre de São Marcos? — Conheço. — Isso significa que ela entrou dalgum modo na tua mente: fisicamente ficou onde estava, mas no teu íntimo ela imprimiu quase um retrato seu, intelectual. Mas tu, por tua vez, *amas* a torre de São Marcos? Significa isto que aquele retrato te impele de dentro e te inclina, quase te leva e te faz ir, com o espírito, até à torre que está fora.

Numa palavra: amar significa viajar, correr com o coração para o objecto amado. Diz a *Imitação de Cristo*: quem ama "currit, volat, laetatur": corre, voa e alegra-se (*Imitação de Cristo*, 1. III, c. V, n. 4). Amar a Deus é portanto um viajar com o coração para Deus. Viagem belíssima, embora comporte por vezes sacrifícios. Mas estes não nos devem fazer parar. Jesus está na cruz: queres beijá-l'O? Não o podes fazer sem te debruçares sobre a cruz e deixar que te fira algum espinho da coroa, que está na cabeça do Senhor (Cfr. Sales, *Oeuvres*, Annecy, t. XXI, p. 153). Não podes fazer a figura do bom São Pedro, que foi valente em gritar "Viva Jesus" no monte Tabor, onde havia alegria, mas não deixou sequer que o vissem ao lado de Jesus no monte Calvário, onde havia risco e dor (*Ibidem*:. t. XV, p. 140). O amor a Deus é também viagem misteriosa: isto é, eu não parto se Deus não toma primeiro a iniciativa. *Ninguém* — disse Jesus — *pode vir a mim, se o Pai... o não atrair* (Jo. 6, 44). Perguntava Santo Agostinho a si mesmo: Mas, então, a liberdade humana? Deus, que decidiu que ela existisse e construiu essa liberdade, sabe muito bem como respeitá-la, levando embora

os corações ao ponto que tinha em vista: "parum est voluntate, etiam voluptate traheris"; Deus atrai-te não só de modo que tu mesmo venhas a querer, mas até de modo que tu gostes de ser atraído (Augustinus, *In Io. Evang.* Tr. 26, 4).

Com todo o coração. Faço notar, aqui, o adjectivo "todo". O totalitarismo, em política, é feio. Na religião, pelo contrário, um totalitarismo nosso, quanto a Deus, está muitíssimo bem. Foi escrito: *Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos, que hoje te imponho, serão gravados no teu coração. Ensiná-los-ás aos teus filhos e meditá-los-ás quer em tua casa, quer em viagem, quer ao deitar-te ou ao levantar-te. Atá-los-ás, como símbolo, no teu braço, e usá-los-ás como um frontal entre os teus olhos. Escrevê-los-ás sobre os pilares da tua casa e sobre as tuas portas* (Deut. 6, 5-9).

Aquele "todo", repetido e levado à prática com tanta insistência, é com toda a verdade a bandeira do maximalismo cristão. E é justo: Deus é demasiado grande, demasiado merece de nós, para que baste deitar-lhe, como a um pobre Lázaro, unicamente algumas migalhas do nosso tempo e do nosso coração. Bem infinito e será a nossa felicidade eterna: dinheiro, prazeres e felicidades deste mundo, em comparação com Ele, são apenas fragmentos de bem e momentos fugidios de felicidade. Não seria acertado dar muito de nós a estas coisas e dar pouco a Jesus.

Acima de todas as coisas. Agora entra-se numa comparação directa entre Deus e o homem, entre Deus e o mundo. Não seria justo dizer: "Ou Deus ou o homem". Deve-se amar "não só a Deus mas também o homem"; este último, porém, nunca mais do que Deus ou contra Deus ou tanto como Deus. Por outras palavras: O amor de Deus é certamente dominador, mas não exclusivo. A Bíblia declara Jacob santo (*Dan.* 3, 35) e amado por Deus (*Mal.* 1, 2; *Rom.* 9, 13), mostra-o comprometido a sete anos de trabalho para conquistar Raquel como esposa; e *pareceram-lhe poucos dias aqueles anos, tão grande era o amor que por ela sentia* (*Gén.* 29, 20). Francisco de Sales tece sobre estas palavras um comentáriozinho: "Jacob — escreve — ama Raquel com todas as suas forças, e, com todas as suas forças ama a Deus; mas nem por isso ama Raquel como a Deus, nem a Deus como a

Raquel. Ama a Deus como seu Deus sobre todas as coisas e mais que a si mesmo; ama Raquel como sua esposa acima de todas as outras mulheres e como a si mesmo. Ama a Deus com amor absolutamente e soberanamente sumo, e Raquel com sumo amor marital; um amor não é contrário ao outro, porque o de Raquel não inutiliza as vantagens supremas do amor de Deus" (Sales, *Oeuvres*, t. V, p. 175).

E por vosso amor amo o meu próximo. Estamos aqui diante de dois amores que são "irmãos gêmeos" e inseparáveis. Algumas pessoas é fácil amá-las. Outras, é difícil: não nos são simpáticas, ofenderam-nos e fizeram-nos mal. Só se amo Deus a sério, chego a amá-las a elas, como filhas de Deus e porque Deus mo pede. Jesus fixou também como há-de o próximo ser amado: quer dizer, não só com o sentimento, mas com obras. Este é o modo, disse: Perguntar-vos-ei: Tinha fome, e vós destes-me de comer quando assim estava faminto? Visitastes-me quando estava doente? (Cfr. *Mt.* 25, 34 ss.). O catecismo traduz estas e outras palavras da Bíblia no duplo catálogo das sete obras de misericórdia corporais e sete espirituais. O catálogo não é completo e convinha actualizá-lo. Entre os famintos, por exemplo, hoje não se trata só deste ou aquele indivíduo; são povos inteiros. Todos nos lembramos das notáveis palavras do Papa Paulo VI: "Os povos da fome dirigem-se hoje de modo dramático aos povos da opulência. A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão" (*Populorum Progressio* 3, 3). Neste ponto, à caridade junta-se a justiça, porque — diz ainda Paulo VI — "a propriedade privada não constitui para ninguém um direito incondicional e absoluto. Ninguém tem direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando a outros falta o necessário" (*Ibid.*, 23). Por conseguinte, "torna-se escândalo intolerável... qualquer recurso exagerado aos armamentos" (*Ibid.*, 53).

À luz destas vigorosas expressões vê-se quanto indivíduos e povos estão ainda longe de amar os outros "como a si mesmos", que é mandamento de Jesus.

Outro mandamento: perdão as ofensas recebidas. A este perdão quase parece que o Senhor dá precedência sobre o culto: *Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares que o teu irmão tem*

alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta (Mt. 5, 23-24).

As últimas palavras da oração são estas: *ó Senhor, ame-vos eu cada vez mais*. Também aqui há obediência a um mandamento de Deus, que estabeleceu no nosso coração a sede do progresso. Das palafitas, das cavernas e das primeiras cabanas passámos às casas, aos palácios e aos arranha-céus; das viagens a pé, e sobre o dorso de mula ou de camelo, aos carros, aos combóios e aos aviões. E deseja-se progredir ainda com meios cada vez mais rápidos, atingindo metas mais e mais altas: Mas amar a Deus — já o vimos - é também uma viagem: Deus quer que ela seja cada vez mais decidida e perfeita. Disse a todos os seus: *Vós sois a luz do mundo, o sal da terra (Ibid.. v. 8); sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito (Ibid. v. 48)*. Isto significa: amar a Deus não pouco, mas muito; não parar no ponto a que se chegou, mas, com o Seu auxílio, progredir no amor.